ALGUMAS PROPOSIÇÕES

DE

PHRENOLOGIA

PRECEDIDAS DE CONSIDERAÇÕES MUITO GERAES SOBRE A MATERIA.

THESE

APRESENTADA E SUSTENTADA

PERANTE

A FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO,

A 15 DE DEZEMBRO DE 1841,

POR

Antonio Pereira d'Araujo Pinto,

NATURAL DA VILLA DOS MONTES CLAROS DE FORMIGAS, (PROVINCIA DE MINAS GERAES).

Doutor em Medicina pela mesma Faculdade, Cavalleiro da Ordem de Christo, Professor da Cadeira Publica de Philosophia Racional e Moral da Côrte, Membro Correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e Socio da Auxiliadora da Industria Nacional do Rio de Janeiro, etc. etc.

Quod scripsi, legi.

BIBLIOTECA CENTRAL DE SAÚDE
J/99
147
19.01.22

RIO DE JANEIRO,
NA TYPOGRAPHIA DE J. E. S. CABRAL,
Impressor do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

1841.

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.

OS SRS. DOUTORES

LENTES PROPRIETARIOS.

M. DE V. PIMENTEL. . . . . Director.

1.º ANNO.

F. F. ALLEMÃO, *Examinador*. . . . . Botanica Medica e principios elementares de Zoologia.

F. DE P. CANDIDO, *Examinador*. . . . . Physica Medica.

2.º ANNO.

J. V. TORRES HOMEM. . . . . Chimica Medica e principios elementares de Mineralogia.

J. M. N. GARCIA. . . . . Anatomia geral e descriptiva.

3.º ANNO.

D. R. DOS G. PEIXOTO. . . . . Physiologia.

J. M. N. GARCIA. . . . . Anatomia geral e descriptiva.

4.º ANNO.

J. J. DE CARVALHO. . . . . Pharmacia, Materia Medica, especialmente a brasileira, Therapeutica e arte de formular.

J. J. DA SILVA. . . . . Pathologia geral e interna.

L. F. FERREIRA. . . . . Pathologia geral e externa.

5.º ANNO.

C. B. MONTEIRO. . . . . Operações, Anatomia Topographica e apparelhos.

F. J. XAVIER. . . . . Partos, molestias de mulheres pejadas e paridas, e de meninos recem-nascidos.

6.º ANNO.

J. M. DA C. JUBIM, *Examinador*. . . . . Medicina legal.

T. G. DOS SANTOS. . . . . Hygiene e Historia de Medicina.

M. DE V. PIMENTEL, *Presidente* . . . . Clinica interna e Anatomia pathologica respectiva.

M. F. P. DE CARVALHO. . . . . Clinica externa e Anatomia pathologica respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

A. T. AQUINO. . . . . Secção de Sciencias accessorias.
A. F. MARTINS, *Examinador*. . . . . Secção de Sciencias accessorias.

J. B. DA ROSA. . . . . Secção Medica.
L. DE A. P. DA CUNHA, *Examinador*. . . . . Secção Medica.

D. M. DE A. AMERICANO. . . . . Secção cirurgica.
L. DA C. FEIJÓ. . . . . Secção cirurgica.

SECRETARIO.

O SR. DR. LUIZ CARLOS DA FONSECA.

Em virtude de uma Resolução sua, a Faculdade não approva nem reprova as opiniões emittidas nas Theses, as quaes devem ser consideradas como proprias de seus autores.

AO

MEO CHARO PAI E MEO MELHOR AMIGO,

O Senhor Commendador João Pereira d'Araujo Pinto.

A

MINHA EXTREMOZA MÃI,

A Snra. D. Andreza Rangel d'Azeredo Coutinho.

Dignai-vos, Snrs, d'acceitar este meo pequeno trabalho, fructo de vossos cuidados e disvelos, como prova, posto que insignificante, de meo reconhecimento e gratidão, e com elle o mais firme protesto de amor eterno, respeito e obdiencia.

AOS MEOS PREZADOS IRMÃOS E CUNHADOS,

E EM PARTICULAR

Ao Senhor Manoel Rodrigues da Costa,

PROVA DO MAIS VIVO AMOR FRATERNAL.

AO MEO DIGNO MESTRE E BOM AMIGO

O Illm. Snr. Conego Januario da Cunha Barboza.

Distincto Litterato Brazileiro, Protector disvelado da juventude estudiosa, Cidadão Prestantissimo, Hum dos primeiros collaboradores da Independencia Nacional, e talvez o unico sem outra recompensa mais, que seo talento, seo saber e suas virtudes!

Permitti, Snr., que eu ampare este meo imperfeito trabalho scientifico com o respeito devido ao vosso nome.

AO MEO SABIO MESTRE,

O Ill.mo Sr. Dr. Manoel de Valladão Pimentel.

Homenagem ao genio medico e á virtude.

AOS MEOS INTIMOS AMIGOS,

Os Ilms. Srs.

Dr. João José Vieira,

João Caetano da Costa e Oliveira,

Domingos José da Costa.

TESTEMUNHO DA MAIS SINCERA AMIZADE.

Do Auctor.

CONSIDERAÇÕES

Muito Geraes

SOBRE

A PHRENOLOGIA.

A Phrenologia (definida por seos inventores) he a sciencia que trata das faculdades do espirito humano e de suas relaçoes com o phisico, estudando e analisando os orgãos de que ellas se servem para se manifestarem. Deixando porém de parte a natureza da alma e a sua origem, ella consagra-se especialmente á observação dos phenomenos mentaes, e dos aparelhos organicos que lhe dão nascimento sob a qualidade de causa instrumental.

Desde os primeiros tempos da Philosofia tem ensinado os autores que o cerebro he o orgão do pensamento: mui poucos disso tem duvidado, e estes bem infelizes com os seus sisthemas tem visto batida e completamente refutada a idéa de collocar-se em as visceras do thorax e do abdomen o principio motor da intelligencia e da vontade.

Inimigos de hypotheses e theorias vãas os Phrenologistas vêm exclusivamente no cerebro o movel e o instrumento da actividade humana; a rasão lhes mostra esta verdade, e a experiencia a sancciona. Quando lhes fallecessem os feitos da organisação cerebral, quando as manifestaçoes phisiologicas d'este orgão não viessem em seu abono, bastavão as seguintes consideraçoes para darlhes por huma vez a convicção firme e positiva, de que o cerebro he tudo para o homem, e que sem cerebro seria elle, quando muito, hum mero automato. 1.ª Todas as outras partes do corpo podem-se lesar, sem que os phenomenos affectivos e intellectuaes se aniquilem. 2.ª Não se observa huma só manifestação de intelligencia sem cerebro. 3.ª Hum desenvolvimento anormál da massa encephalica prejudica e impede os phenomenos affectivos e intellectuaes. 4.ª A experiencia tem demonstrado, que a mór parte das grandes intelligencias tem tido por instrumento hum cerebro mais volumoso. 5.ª Algumas faculdades mentaes são mais activas nos homens, e outras nas mulheres, a medida que o cerebro de hum e outro sexo igualmente varia. 6.ª Que ha caracteres nacionaes

assim como ha cabeças nacionaes. 7.ª Que os phenomenos da percepção e conhecimento varião na rasão directa da desigualdade do cerebro nos diversos periodos da vida.

Não he de hoje que se tem notado a relação immediata que ha entre os poderes da intelligencia de hum individuo e a configuração externa de sua cabeça. Os artistas, sobre tudo os que se derão exclusivamente aos estudos das *formas*, tem adquirido a este respeito noções as mais percisas, e sem duvida alguma convincentes para o philosofo que despido de prejuisos não se dedigna de receber a verdade, ainda que descoberta por quem a não sabe devidamente apreciar.

Os artitas, digo, tem visto, posto que mui vagamente, que o desenvolvimento de certas faculdades não se nota sem que lhe corresponda hum proporcional desenvolvimento em certa região do cerebro. Elles tem mesmo revestido suas experiencias de todas as fórmas de hum systema, executando-as invariavelmente não só nos retratos, mas tambem nas obras de pura imaginação; e bastante confiados nestas observações, não duvidão completar huma estatua que nos mostre com verdade *hum todo*, tendo-se-lhes apenas dado por modêlo huma cabeça: para elles he problema de facil resolução — dada huma cabeça, pintar-se hum Deus, hum Heróe, hum Philosofo, ou hum Atleta.

Os que porêm se tem dedicado ao sublime estudo da natureza racional, em tempo algum tem despresado estas circumstancias de observação material, que muito breve talvez tornar-se-hão bases de hum systema completo e demonstrado das forças intellectuaes e affectivas do homem.

Já no seculo XIII Alberto, o grande, desenhou cabeças, e nellas indicou a séde das diversas faculdades do entendimento. No XV seculo Pedro de Montaigne, Lodovico Dolci na Italia, o Dr. Gordon na Escocia fizerão tentativas da mesma natureza; e, ou fosse pela belleza e maravilha de suas execuções, ou fosse, o que he mais natural, pelo acolhimento que merecia, sinão a certeza, ao menos a mais evidente probabilidade de seos pensamentos, estes homens ávidos de descortinar o futuro de huma sciencia, que mostrárão presar, virão seos ensaios coroados de aplausos pela multidão dos sabios de seo tempo.

He bem manifesto o designio que tinhão todos quatro de localisar os orgaos das diversas faculdades; e Charles Bonnet talvez encantado pelas bellas seducções de hum systema que nos promette verdade tão util, deixou-se arrastar até conceder a cada huma fibra cerebral huma funcção particular.

Toda a idéa sublime sempre agrada, e muitas vezes domina o entendimento humano, a ponto de nelle aniquilar toda outra que lhe seja opposta; maxime quando a razão, a experiencia, e o pensar de homens sabios lhe prestão o apoio necessario. Assim devêra acontecer com os primeiros ensaios da phrenologia, e elles terião de certo assignalado o caminho unico, por onde

podessemos chegar ao pleno conhecimento do homem racional, si theorias que então formavão toda a gloria de huns, toda a solidez do interesse de outros, e em ambos os casos sempre robustecidas pelos preconceitos do povo, as mais das vezes disposto a ver hum mal em qualquer especie de innovação, não viessem oppor-lhe obstaculos irresistiveis, attenta a vida pouco pronunciada da intelligencia, que nesse tempo fez de nossa docilidade o instrumento mais poderoso para levar o poderio da authoridade até dominar o Universo.

Mesmo assim não faltárão espiritos, aliás bem esclarecidos, que excedessem ás provas das primeiras investigações phrenologicas, e admittissem que a força de entender estava absolutamente na razão directa do volume do cerebro; isto não só quando se tratava de comparar os homens entre si, mas tambem quando se confrontavão cabeças de diversos animaes, só porque virão ter de ordinario os individuos de grandes talentos, e de grandes qualidades hum cerebro proporcionalmente mais volumoso. Entretanto que o exame mais superficial bastaria para mostrar em toda a sua nueza o erro de taes raciocinios. De facto, consulte-se a experiencia, e ella nos convencerá de que immensas vezes huma pequena cabeça encerra o mais atilado juizo, a força intellectual mais energica e todos os attributos de hum genio, ao mesmo tempo que bem vultuosa cabeça abriga a rudeza, a imbecellidade, e mesmo a pura estupidez.

Hum boi por ter mais cerebro que o homem, nem por isso póde, ainda *theoricamente*, possuir o arremêdo de nossa intelligencia. E si demaziadamente benevolos para com os partidarios de huma tal doutrina quizessemos de barato restringir a significação de suas palavras, considerando este volume relativa e não absolutamente, veriamos que por hum animal qualquer de inferior posição ter proporcionalmente mais cerebro que hum philosofo, não merece comtudo a concessão de maior capacidade; muito mais ainda se buscarmos por baze de nossos raciocinios as raças mais favorecidas, acharemos muitos homens com reputação de sabios inferiores a ellas debaixo deste ponto de vista.

Esta doutrina tem parecido a muitos favoravel e indulgente para com os materialistas, sem que achemos para isso o menor motivo. Infelismente todas as vezes que na explicação dos nossos actos racionaes pronunciamos a palavra — cerebro —, não faltão almas nimiamente *susceptiveis* que vejão offendido o seo espiritualismo. Entretanto, si me repugna o sugeitar esse ente sublime que em nós cogita, esse ente cujas qualidades nos elevão até asemelhar-nos com a divindade, ás dimensões, ás fórmas e á variada contingencia de huma porção de materia, não recuso menos roubar á esta a justa preponderancia que necessariamente tem em os actos de nossa vida intellectual.

O simples facto de nossa existencia fazer parte de hum todo visivel, e desta arte nos vermos obrigados a respirar huma athmosphéra de sensações para apreciarmos e reconhecermos os objectos que nos cercão, e suas intimas relações, demonstra por si só a extrema liga do espirito e da materia.

He com bastante difficuldade que pronuncio a palavra — espirito — para não parecer que pretendo arrastar a questão, a que me propuz, de seo eixo natural; mas para bem apreciarem-se as descobertas de Gall he necessario conduzir o leitor á origem d'onde ellas partirão, e antes disso considerar a materia philosoficamente, para o que não me compromettendo a expender todas as idéas e opiniões das eschólas de philosofia até o presente conhecidas, contento-me de apresentar o discurso de Mr. Ottin.

« Os philosofos que se tem occupado do estudo do homem, em geral não tem estado muito de acordo ácerca do principio e causa de suas acções. Sobre tudo elles tem errado no numero das faculdades consideradas como fundamentaes, e na explicação destas faculdades.

« Toda a antiguidade até Platão não se mostra possuida de boas idéas sobre a natureza da alma. Esta essencia inexplicavel era, ao mesmo tempo, considerada como principio da vida e origem de todas as nossas faculdades: era huma sorte de entidade, que alguns chamavam *pneuma*, e outros *physychée*, e que todos unanimemente estimavão como huma substancia muito subtil e dotada de certas propriedades metaphisicas mui elevadas. Platão, ornado de huma imaginação poetica e fecunda, descreve esta substancia de tal sorte que não se sabe dizer ao certo si elle lhe reservava alguma cousa de fórma material, a qual até então havia confusamente percebido; ou si queria fazer d'ella hum ser á parte, puramente espiritual e inteiramente despido de todas as propriedades, que se concebem na materia.

Arystoteles, o mais celebre discipulo de Platão, conservando as idéas do seu mestre á respeito da natureza da alma, deu-lhe faculdades que lhe erão communs com os animaes, e outras que exclusivamente lhe pertenciáo.

Os padres da Igreja, conhecidos depois de Arystoteles e Platão, adoptando as idéas já seguidas sobre o espitualismo, admittirão-na como huma emanação immediata de Deos, e por consequencia immutavel em sua natureza, e tão eterna como elle em seu principio. Desde esse momento a crença de que este ente misterioso era huma substancia immaterial, imminentemente activa, immortal, e dotada da faculdade de entender e de querer, tornou-se opinião dominante. O homem foi olhado como o ente essencial da creação e o só capaz de obrar com discernimento e liberdade. Os animaes não erão outra cousa mais do que machinas grosseiras, incapazes de qualquer escolha, e seus movimentos erão apenas regulados por hum immutavel e cego destino. Estas idéas tão pouco acertadas reinárão cerca de dous mil annos em as nações mais esclarecidas do globo. Alguns philosophos por consequencia perseverárão em affirmar que viáo na materia forças activas, pelas quaes podião bem explicar as qualidades dos *seres vivos*.

Bacon, um dos primeiros genios que presidirão o reapparecimento das letras na Europa, distinguio duas almas, uma sensitiva que era o principio da sensibilidade e do movimento voluntario, outra racional, cujas faculdades erão o

entendimento, a razão, o raciocinio, a imaginação, a memoria e a vontade.

Descartes, o mais illustre dos philosophos que apparecêrão depois de Bacon, sem admittir nem regeitar explicitamente as duas almas que este grande homem havia admittido, pensa que temos huma alma com quatro faculdades; a sensibilidade, a imaginação, o entendimento e a vontade; e sugeita os animaes á lei prescripta aos puros automatos.

Lock, genio severo e methodico, cuja influencia dominou o espirito do seculo XVIII, reduzio a alma a duas faculdades, o entendimento e a vontade; nisto elle pouco differe de Hobbes que tinha reconhecido na alma as faculdades de conhecer de querer.

Condillac, o mais notavel dos discipulos de Lock, reduzio todas as nossas faculdades á simples sensação, e não vio na attenção, comparação, juizo, reflexão, imaginação e raciocinio mais que sensações por diversas maneiras *transformadas*.

Emfim, Bonnet bem conhecido por suas profundas indagações na Historia Natural e em Metaphisica accrescenta ás faculdades admittidas por Lock o sentimento, o pensamento, a liberdade e acção; e acredita que a immortalidade possa pertencer aos animaes.

Todos estes systemas ácerca de nossas faculdades tem sido, em essencia, reproduzidos desde Aristoteles, e partem do principio estabelecido por este sabio dialecto, — que nada se dá na intelligencia, sem que primeiro tenha passado pelos sentidos.

Todos acreditão, bem como explicou Mr. de Laromiguiere, na acção dos objectos externos sobre os sentidos, na destes sobre o cerebro, e na do cerebro sobre a alma. Mas alguns observadores, á testa dos quaes devemos collocar Leibnitz, Poshska e Cabanis, tendo notado *series* de percepções no entendimento e de mais a consciencia, que certamente não tinhão vindo dos sentidos, assignalárão a inexactidão do preceito estabelecido pelo illustre philosofo Macedonio; e como que para corrigil-o, admittirão *tendencias instinctivas* pelas quaes se dirigem os homens e os animaes determinadamente para certos objectos. Gall, como nós veremos, tem ido muito mais longe, e pretende que o mundo externo não nos he conhecido, sinão porque existem em nós certas forças fundamentaes, proprias não sómente para perceber e julgar das impressões transmittidas pelos sentidos, mas tambem que são origem de numerosas emoções internas, que exercem a maior influencia sobre as nossas determinações. São ellas que dão a cada individuo o seo caracter particular, e lhes conservão a indole especial que os distingue dos outros, que com elle habitão os mesmos lugares.

Emfim dous novos systemas de philosofia recentemente estabelecidos, hum na Alemanha, outro na Escocia contão hoje na França não pequeno numero de proselytos, e disputão, em concorrencia com a philosofia de Gall, a opi-

não publica. O primeiro deste systema designado sob o nome de *Kantismo*, derivado de *Kant*, seo autor, apoia-se sobre puras concepções do espirito, *ideas à priori*, e entidades analogas às cathegorias de Aristoteles. O segundo conhecido pelo nome de philosofia Escoceza ou do *ecclectismo*, por assim o haverem adoptado os que a professão, he huma escolha dos principios tirados dos espiritualistas mais celebres desde Platão até Descartes e Leibnitz.

Si nós percorrermos pelas opiniões até então emittidas sobre a séde da alma, achal-as-hemos ainda mais divergentes do que as que ficão referidas sobre seos attributos. Pythagoras, Hyppocrates, Platão e Galleno a collocavão no cerebro: Aristoteles e os Stoicos, no coração: Descartes, na glandula pineal: Lapeyronne, no corpo calloso, etc. etc. Outros considerando, que se tinha visto todas estas partes successivamente viciadas ou destruidas, sem que se notasse alguma alteração nas faculdades intellectuaes, negárão, que nellas podesse estar a séde da alma, e em consequencia a puzerão no corpo todo. Dumas fortifica esta opinião observando que sendo o cerebro insensivel, não podia ser o orgão da *sensibilidade*. Sthal e seus discipulos pensavão que a *substancia da alma* se insinuava por todos os nervos; ou em sua origem, ou em todo o seo trajecto; e faziao desta *emanação divina* huma especie de fluido cerebro-spinal, a maneira daquelle que havia concebido o Dr. Magendi. Emfim huma quarta classe de philosofos baseando-se na immaterialidade da alma tem reputado contradictoria a hypothese de huma *séde* dotáda de extensão; bem como regeitão o *ponto physico* donde partem os productos de nossa intelligencia; porêm a este respeito não se pronunciárão de huma maneira positiva.

Acerca da união das duas substancias componentes do homem não se dá milhor acordo em as opiniões dos philosofos: huns imaginárao hum *mediador plastico*, outros recorrerão á emanações *muito subtis;* e Malebranche preferio á intervenção divina em todas as nossas acções, para que se explicasse a mysteriosa correspondencia de naturezas tão oppostas. Malebranche fez certamente da Divindade hum agente subalterno e em tudo inferior á potencia humana: ninguem deixará de reconhecer nesta doutrina o maior dos desvarios de hum philosofo, aliás por muitos titulos respeitavel.

Esta curta exposição das diversas opiniões, que reinavão entre os sabios de mais longa data ácerca da alma, seos attributos e sua séde, mostra a inutilidade de occuparmo-nos destas questões, sem levarmos em conta as condições percisas, para que se manifestem as nossas faculdades. »

Si eu escrevêra sobre a philosofia, teria de passar hum golpe de olhos, ou mesmo analisar todos os systemas conhecidos para explicar a origem, séde e attributos da alma; mas para que se mostre a incompetencia da philosofia despida do conhecimento da organisação humana, quando se trata de objectos desta ordem, contentei-me com as palavras de Ottin.

Escusado fôra mencionar os esforços da philosofia moderna para explicar

o homem intellectual; pois, á meo vêr, ella tem de luctar com os mesmos embaraços e grandes difficuldades. Entretanto, que a phrenologia tal qual a concebem os seos enthusiastas, não satisfaz, he cousa para mim de reconhecida evidencia; e todo o meo desejo fôra cumprido, si eu vira muitas de suas verdades ligadas aos sãos principios, que a philosofia me ensina. Nem tudo para o corpo; nem tudo para o ser immaterial: á este exclusivamente competem a origem e o exercicio da actividade: e á aquelle se não deve roubar a influencia secundaria de maior ou menor energia sobre os actos da intelligencia, que lhe dão as leis de sua união.

Passemos a phrenologia propriamente dicta.

O acaso, mas hum desses acasos que, segundo Fontenelle só vem para descobrir o genio e fundar a sua gloria na admiração universal, esperou Gall para pol-o á frente das mais importantes descobertas, que se ha feito na materia, de que nos occupamos. Esse acaso feliz, que revela ao philosopho a realidade da predestinação, o poder occulto e misteriozo, que traça de antemão os diversos caminhos corridos por nós no espaço da vida, appareceo brilhante para o nosso illustre phrenologista. Certamente foi Gall quem indicou a origem e marcha do principio activo da sabedoria humana; e nada mais he perciso, para que tributemos á sua memoria o maior respeito e veneração.

Nos estudos de sua primeira infancia muitas vezes vio Gall, que alguns de seus condiscipulos, aliás bem inferiores á elle, segundo o intimo sentimento de suas forças, antecedião-lhe sempre que se tratava de objectos de pura memoria. Por hum desses esforços naturaes ao orgulho infantil, Gall buscava achar em seos rivaes algum objecto censuravel, que lhe facilitasse o manejo do rediculo. Activo por natureza e ainda mais prespicaz por caprixo, achou bem depressa em todos elles hum commum defeito, que então abria-lhe sómente campo para a mais desapiedada critica — e era terem todos elles os olhos sobre maneira salientes.

Tendo mudado muitas vezes de escholas, nellas vio os individuos, que se tornavão notaveis pela habilidade de *decorar*, e por isso mesmo seos constantes adversarios, com identica disposição de olhos. Esta observação naturalmente esteril para hum espirito vulgar e mesquinho deixou em o nosso joven alumno as mais profundas impressões, que com tudo nada terião talvez produzido, si por ventura a natureza dos estudos á que depois se dedicou, não tivesse dispertado em sua alma o desejo indefinivel de achar huma explicação para a conscidencia que tinha sido objecto de seus cuidados. Chegado a Vianna para estudar Medicina em 1781, comprehendeo logo, quanto suas idéas philosophicas estavão longe do devido aperfeiçoamento; e com isto a necessidade de muito analizar a organisação cerebral, sem o que já então sabia não poder avançar de hum modo proveitozo, ou que pelo menos satisfizesse os seus desejos na sciencia da razão. A par destas idéas veio-lhe a esperança de

aproveitar as observações que outr'ora lhe ministrára o despeito, e que agora podia conduzil-o á alguma cousa de positivo sobre este objecto. Tendo já encontrado hum signal exterior que indicava a memoria de palavras, nada mais natural do que buscar exprimir a existencia e perdominio das outras faculdades, as quaes por *instincto*, ou já pela licção dos authores, elle procurava somente na cabeça. Assim nasceo a prenologia para dar luz e vida ás analizes psycologicas, e á seo auctor hum nome de eterna duração. Não se escondeo a Gall a percizão de subdividir as faculdades, e com isto formar o alicerce de seu futuro systema, nem a insufficiencia de todas as subdivizões até então estabellecidas para leval-o ao ponto, á que se propunha. Possuido deste pensamento deixou correr longo tempo, contentando-se apenas de investigar as relações entre a conformação geral da cabeça e o desenvolvimento da memoria, da imaginação e do juizo em qualquer sugeito. Não tendo porêm até aqui tirado os bons resultados que desejára de suas observaçoes, pôz de lado esta divizão das escholas nessa occasião dominante, e passou a estudar com desvelo e capricho a conformação da cabeça em os individuos notaveis por alguma das faculdades intellectuaes: chegou desta arte a descobrir muitos signaes exteriores que lhes correspondião. Mais animado tentou do mesmo modo estudar o homem moral; e desta vez igualmente feliz facil foi dispôr-se a proseguir com resignação e força para dar ás suas experiencias aquelle caracter de verdade necessaria, já que nellas se devião achar a solidez do systema por elle concebido com as melhores esperanças de realizal-o.

Por bastante tempo servio-se Gall dos meios phisiognomicos que lhe facilitavão muito o estudo das funcçoes cerebraes, empregando-o quasi que exclusivamente; porêm não podia sua grande intelligencia deixar de sentir para logo a necessidade de conhecer primeiro a structura e as mais disposiçoes deste orgão com toda a exactidão possivel.

Sabio, porêm modesto e inteiramente despido de orgulho e preconceitos, entregue todo á sciencia de sua predilecção, Gall quiz dividir com outro sua gloria e sabedoria, e talvez que ao mesmo tempo esperançado de muito conseguir dos conhecimentos anatomicos de Spurshein, cujo nome já merecia a attenção e respeito da eschola de Vienna, associou-se á elle em 1804 para desta sorte proseguir no estudo da anatomia e phisiologia do systema nervozo em geral, e do cerebro em particular. Não surprehende a ninguem o dizer-se aqui que estas duas capacidades trabalhando em commum, tinhão até 1813 talvez levado á perfeição grande parte do objecto de seus cuidados.

Si porêm Gall e Spurzhin sempre se achárão em harmonia de pensamento e de acção no que havia de positivo sobre a materia; si sempre virão a mesma cousa na structura do cerebro, não poderão elles ser hum só individuo quando se tratava de discutir o destino e utilidade de cada huma parte deste orgão. Ahi se encontrárão muitas vezes suas opiniões, nascendo desta divergencia maior amor e dedicação aos ensaios phrenologicos.

Carecendo de melhores dados para proseguirem em seos trabalhos, virão-se forçados á lançar mão do unico praticavel nestas circumstancias, que era caminhar das *proeminencias cranianas* frequentemente salientes em os individuos notaveis por alguma qualidade superior, quer fallando-se de virtudes quer de vicios, e buscando descriminar com todo o rigor do raciocinio as faculdades propriamente dictas das *inclinações*; para o que perciso era deduzir a força do habito, e considerar as faculdades em si só, sobre tudo quando seos resultados tocavão a exageração. Não era de certo argumentação muito segura, á meo ver, a que, para dar tantas consequencias, bazeava-se simplesmente nas *protuberancias* das diversas regioes do craneo: porque me he difficil conceber que o desenvolvimento de qualquer porção da massa encefalica seja sempre indicada exteriormente, attendendo á consistencia resistente das parêdes osseas que a resguardão. Spurzhein parece dar pezo á minha opinião, quando muitas vezes recua diante desta hypothese tão apreciada por Gall. Custa-me mesmo admittir a infalibilidade das elevações parciaes do cerebro, salvo nos homens exclusivamente recommendaveis por hum só attributo; porque si as partes vizinhas, que neste caso serão os orgãos da *preponderancia simultanea* de outras faculdades, forem igualmente desenvolvidos, não se poderá notar hum só *dominio unico*, embora alguns actos considerados em *abstracto* o demonstrem. Entretanto he verdade que individuos ha bastantemente notaveis por muitas qualidades ao mesmo tempo, e que pela similhança de fins parecem indicar a proximidade de orgãos nos actos da intellecção.

Como quer que fôr, nossa experiencia deve fixar-se sobre o volume de cada hum orgão em si mesmo, e não como querem muitos enthusiastas da phrenologia sobre a protuberancia manifesta na superficie externa do craneo. Ainda assim para calcularmos melhor a energia com que obrão as diversas subdivisões cerebraes, he força dar importancia á muitas outras circumstancias que podem augmentar ou diminuirem-se até a exageração; entre estas contento-me de mencionar a influencia do habito, do temperamento, e de alguns casos pathologicos, etc.

Sendo a influencia do temperamento sobre os actos da intelligencia geralmente admittida por todos que se tem della occupado, abstenho-me de aqui demonstral-a. Cumpre porêm observar que muito se tem imputado ao temperamento, sem que para isso, conforme minhas ideias, haja a menor razão. Não ha ninguem que não tenha ouvido dizer que a concepção facil, a memoria feliz, a viveza de imaginação, a alegria e a inconstancia presuppoem hum temperamento sanguineo: que a ambição, a coragem, a actividade, a firmeza, até a obstinação, e esse ar de *seguridade* tão caracteristico de alguns individuos, são o apanagio do bilioso.

Spurzhein he da opinião de quasi todos os phiziologistas, isto he, que o temperamento nenhuma outra influencia exerce sobre nossas faculdades, a não ser o de actival-as, e facilitar a sua acção. A doutrina opposta he não só contraria a

Phrenologia, como tambem ás verdades demonstradas dos philosofos ácerca do ser pensante.

Já Camper, que muito se occupou da organisação do homem e dos animaes, e que soube ornar sua extrema sagacidade com mui vastos conhecimentos, disse que quando se busca no volume do cerebro apenas hum indicio da grande intelligencia dos entes, que se comparão, não ha muitos inconvenientes em desprezar-se a observação das partes posteriores, pois que ellas parecem affectas á outros exercicios. Em consequencia elle convergio todas as suas vistas para o desenvolvimento das partes anteriores, e ahi buscou hum signal externo, que até certo ponto lhe désse a medida que desejava. Depois de varias experiencias acreditou achal-a no angulo formado por duas linhas, das quaes huma segue a direcção geral da face, e a outra córta horisontalmente a base do cerebro: a primeira apoiando-se sobre os dentes incizivos, e a parte media do frontal; a segunda, partindo da base do nariz, e passando ao nivel dos conductos auditivos externos. Segundo Camper a intelligencia estava na razão directa da abertura deste angulo; e foi para conformar-se com esta idéa que Lavater traçou a taboa por nós tão conhecida, que mostra a serie das degradações da cabeça desde Apollo do Belvedere até á ran.

A idéa de Camper, como era de esperar, obteve então quasi geral assentimento. Hum meio tão simples e que dispensava os muitos conhecimentos necessarios para bem se estudar o homem intellectual, e que ao mesmo tempo promettia tanto, devêra certamente ser applaudido. He huma especie de tributo que pagão todos os povos, o receberem com enthusiasmo todo o systema que promette muito e que exige pouco trabalho para o conseguir, si a idéa fundamental não he nova. Entre nós então essa verdade tem huma consistencia irresistivel: principalmente si olharmos para as sciencias medicas. Não ha charlatão algum no velho mundo que não julgue poder viver no Brasil com honra e gloria; e sobre tudo com vantagem e reconhecido proveito! Infelizmente porêm alguns tem acertado; porque, ou por defeito de nossa legislação, ou por deleixo e pouca energia de nossas autoridades, homens tem havido que talvez nem fossem bedeis nas Academias medicas da Europa, que se nos tem apresentado inculcando-se medicos e possuidores de systemas maravilhosos; poluindo desta sorte huma sciencia tão sagrada, e insultando o bom senso Brasileiro. Entretanto vão elles vivendo alegremente, sem que alguem lhes pergunte — quem sois, e donde vindes? —

Tornando ao assumpto de que me tinha afastado a indignação, por vêr tão pouco respeitada a nossa illustre corporação medica, cumpre-me confessar que quando se trata somente de comparar o angulo facial entre as diversas especies de animaes, esta doutrina parece confirmar-se; por quanto vimos que elle decresce á medida que a intelligencia se amesquinha.

Estude-se o homem debaixo deste ponto de vista, em comparação a hum cão, a hum boi, etc., e ver-se-ha esta lei como que favorecida. Com tudo não

percisamos sahir da classe dos vertebrados para acharmos intelligencias bem differentes com diversos gráos de abertura no angulo facial. Mr. Cuvier sabendo do systema de Camper, e seduzido pela simplicidade que o bazeava, se propoz a estudal-o bem, e quanto lhe fosse possivel, aperfeiçoal-o; mas bem depressa reconheceo que principios tão simplices não podião dar senão resultados muito simplices e pouco importantes em relação ao que procurava encontrar. Vio grande numero de verdades individuaes escapar ás generalidades estabellecidas como fundamento de todo este systema. De certo a penetração de Cuvier não era a mais propria para amoldar-se á *imposições* desta natureza.

Alguns phisiologistas mais se occupárão das relações da grandeza do craneo com a face, sem com tudo talvez admittirem em seos calculos puramente abstractos os resultados relativos ao angulo facial; e atrevêrão-se a pensar que havião descoberto a medida verdadeira da intelligencia. Segundo porém os preceitos phrenologicos, quando se trata de qualificar a capacidade de qualquer sugeito, pouco valimento póde ter a grandeza ou pequenhez da face. A experiencia ainda confirma melhor estas idéas; por que os retratos mais acreditados nos apresentão Leão X, Montaigne, Haller, Mirabeau, e outros com a face e craneo volumosos. Bossuet, Voltaire, Kant etc. com pequeno semblante relativamente ao volume da cabeça.

Admittamos porém que esteja bem demonstrada a coincidencia do grande desenvolvimento do cerebro com a manifestação da intelligencia em summo grão; que se tenha mesmo achado hum meio infallivel de medir o cerebro durante a vida; ainda assim não teremos achado tudo, que percisamos na materia.

Tomemos quatro cabeças illustres e igualmente favorecidas de massa encephalica. Terão ellas por ventura os mesmos talentos, as mesmas dispoziçoes? Certamente ninguem dirá que assim aconteça sempre. Hum terá enchido sua reputação pela pintura: a outro terão as muzas assignalado o nome: o terceiro faz retumbar com applausos sua eloquente voz em huma tribuna defendendo energicamente os direitos do homem; e o ultimo vivirá para as sciencias naturaes, que enriquece com os copiosos productos de seo genio assiduo e indagador. Eis-aqui quatro intelligencias, que supporiamos igualmente exercitaveis, si a mera apreciação do volume cerebral nos guiasse; mas que a experiencia nol'as apresenta diversamente manifestadas.

Para desviar-se de taes difficuldades perciso foi admittir no cerebro tantos orgãos distinctos, quantos erão os talentos e dispoziçoes conhecidas na linguagem vulgar: d'ahi vêm o podermos ás vezes dizer, que este ou aquelle individuo tem estas e não aquellas inclinaçoes; e acceitarmos com trivial facilidade as expressões — Pedro nasceo poeta, Paulo artista etc. etc. —. O povo não adhere menos a esta doutrina, se bem que competentemente adulterada; e com a sua theoria de *Sinas* pertende santificar os actos mais criminosos, e do mes-

mo modo rebaixar a virtude, que só podia ser adquirida por longa e não interrompida serie de sacrificios. Qualquer que seja o leitor, não desconhecerá as palavras — *Fado*, *destino*, *sorte*, *fortuna* etc. etc. divindades de indispensavel veneração nos romances e na poesia. Até os philosofos que não podérão explicar a diversidade de *tendencias*, de inclinaçoes, e de gostos, quando vião as mesmas influencias, admittirão o seo *fado*, sem presentirem o roubo que se nos fazia de huma de nossas melhores prerogativas.

Do que fica dicto concluira todo o philosofo a necessidade da subdivizão das faculdades, as quaes devem ser consideradas em sua primitiva origem, e ainda não influenciadas pelo exercicio; e muito menos pelos abusos que dellas podemos fazer. He isto que Gall observou, e melhor que elle reconheceo Spurzhein. Este sabio phisiologista partilha a idéa de ser o cerebro o orgão não só das faculdades intellectuaes como das affectivas; sendo cada huma dellas servida por huma porção distincta deste orgão. Por essa maneira estabellece elle duas ordens de faculdades, que ainda repartem-se em diversos generos, como se vê da *nomenclatura das faculdades*, com que termina esta theze.

Ainda mesmo que nenhuma objecção podessem soffrer as propoziçoes emittidas por Spurzhein na distribuição das faculdades, não teriamos ainda resolvido o problema que serve de base á sciencia da razão. Restar-nos-hia saber se poderiamos explorar o cerebro de hum individuo durante a vida, a ponto de possuirmos os dados necessarios para bem qualificarmos seu caracter, ou suas disposiçoes.

A natureza, que se mostra bastantemente zeloza quando emprega todo o cuidado em proteger os nossos principaes orgãos contra a força dos agentes externos, sempre pernicióza, parece que com summa especialidade teve em vistas resguardar o cerebro, cujas funcçoes não pódem padecer, sem que alguma peça de nossa organisação se ressinta com maior ou menor demonstração. Esse he o motivo por que o vemos completamente defendido com a consistencia das paredes osseas que a cobrem. E poderemos nós pela configuração dellas julgar da forma dos orgãos ahi contidos? He isto que muitos anatomistas negão, e que não poucos o affirmão. Com effeito, ainda que o craneo em todos os seos pontos não tenha a mesma espessura, com tudo póde-se bem conceber que suas protuberancias e depressões podem até certo ponto representar as sinumozidades da superficie cerebral, sobre as quaes bem exactamente se applicão por sua face interna. He com tudo mister notar que na parte inferior do frontal as duas laminas osseas do craneo se separão huma da outra, e que o volume mais ou menos consideravel resultado desta separação póde mui facilmente conduzir ao erro, si se trata de conhecer o desenvolvimento das partes correspondentes do cerebro, não se empregando para isso a mais escrupuloza observação.

Quando virmos o cerebro e o craneo assim *modelados* hum sobre o outro, muito natural será o indagarmos qual destas peças terá *imposto* a sua forma.

A' primeira vista faceis raciocinios farão crer que toda a *agencia* depende da porção mais forte e resistente, isto he, da abobada craniana; porém a madura reflexão da sciencia indicará o opposto; e quem estiver no embaraço, si não na invencivel difficuldade de explicar os actos intellectuaes, assim o deverá entender, si appellar para a phrenologia.

A admittirmos as *disposições innatas* não se póde duvidar que em embrião seja o cerebro, que tenha determinado a forma da membrana flexivel, que mais tarde deve tornar-se craneo; de modo que quando a materia ossea começa a transformar-se em involucro cartilaginoso participa em tudo das apparencias e sinuozidades da massa incephalica. Na época do nascimento, como a ossificação da abobada do craneo não he ainda completa, e que as differentes peças de que ella se compõe, limitão-se apenas a tocarem-se, sem offerecerem huma união formal e reconhecida, nos he facil conceber que essa abobada póde sugeitar-se á pressão interiormente exercida pelo cerebro, cujo desenvolvimento deve então ser muito rapido; mas huma vez que a sutura de todas as partes se tenha estabellecido, custa mais provar-se a efficacia das dispoziçoes cerebraes para amoldar o corpo resistente da cabeça ás suas maneiras de existir; e a difficuldade cresce sobre modo, si acceitarmos a opinião de alguns philosofos que affincadamente sustentão a incapacidade de augmento na cabeça dos meninos, logo que estes tocão o setimo ou oitavo anno da vida. Si a benignidade destes pensadores m'o permittisse, eu os aconselharia que invocassem simplesmente o testemunho dos chapeleiros; que elles por si sós bastavão para remover-lhes toda a duvida respeito a sua erronea opinião; quando não quizessem attender o pensamento dos senhores da arte anatomica, e delles colher provas as mais convincentes de seo erro. Os ossos, depois de completa ossificação, achão-se submettidos, bem como as demais partes vivas, á hum movimento continuo de compozição e decompozição; movimento, que ressente-se mais ou menos da idade do individuo, mas que nunca se aniquila. Desde o instante, em que admittirmos este *renovamento*, desapparecem todos os motivos de suppor-se que as dimensões de hum corpo conservão-se estacionarias, ainda que os materiaes que o formem progridão sem descanço. Certamente a observação mostra de hum modo satisfatorio, que tanto nos casos pathologicos, como nas circumstancias normaes, os ossos podem crescer ou diminuir, accommodando-se desta arte ao volume das partes visinhas. Quando o globo de hum olho, por exemplo, torna-se demasiadamente augmentado por occasião de alguma enfermidade, a não ser d'aquellas que com a maior rapidez tocão o seo termo, e pelo contrario das que guardão para muito tarde o seo desapparecimento, sensivelmente conhece-se que se alargão as orbitas etc. etc. Neste caso o volume do olho com evidencia dirige as dimensões e formas das orbitas; que difficuldade teremos pois em conceder ao cerebro a mesma influencia? As partes cerebraes não se desenvolvem sempre de huma só vez, antes o craneo parece adquirir sua resis-

tencia parcialmente : he isto o que vemos , por exemplo , acontecer com o frontal , que na epocha do nosso nascimento he de ordinario estreito e achatado ; e pela continuação da vida vai-se *abobadando* e estendendo seos limites. He nesta occasião que as partes medias começão-se a desenvolver ; do que resulta não ser o frontal porporcionalmente tão volumozo. Quando chegamos á epocha da puberdade , sentimos crescer com rapidez o cerebello ; e toda a região occipital , que até então pouco avultava , se ostenta mais ou menos protuberante. Dando-se por demonstrada a facilidade de o craneo amoldar-se ás variadas fórmas , que primitivamente possa o cerebro apresentar , teremos de responder a huma das mais fortes objecções , que com espirito logico se tem feito á doutrina de Gall.

Si he exacto que nossas boas ou más inclinações dependem das disposições cerebraes , e si o homem não corrige á seo arbitrio a natureza , dizem muitos phiziologistas , como será culpado por seos actos ? Qual o motivo porque o não reputais hum mizeravel automato , cujos movimentos , longe de serem voluntarios , como o pretendeis , parecem de ante-mão prescriptos e designados pelo Supremo Autor de nossa existencia ? Demais este pensamento que tanto nos lisongêa , não se apoia na geral satisfação de todos aquelles, que vendo na liberdade a unica origem da culpa , não desejão possuil-a ? Esta objecção , posto que na apparencia bem fundada , he de certo ridicula , e pouco abona á seos autores. Quando mesmo podessemos bem conceitual-a , não serião os phrenologistas á quem devião dirigil-a. A mór parte destes e em particular Mr. Spurzhein , estão mui longe de acreditar que todas as nossas acções sejão consequencia necessaria de huma cega fatalidade : pelo contrario orgulhão-se de terem indicado o meio de mais ou menos conhecer-se nossas inclinações ; do que resulta o poder-se dirigir melhor a educação moral , reprimindo ou favorecendo o exercicio de certas faculdades.

O cerebro , bem como os demais orgãos , offerecem em sua estructura o elemento de energia , com que manifestão as funcções á que são destinados ; além de que estas podem reagir sobre o organismo e modifical-o conforme as forças , sob cuja influencia podemos consideral-o ; e sabemos mais que estas funcções participão em summo grão dos caracteres da educação e da energia da vontade. Quaesquer que sejão nossas tendencias innatas , por mais resistentes que ellas se mostrem , ninguem ha que não ache hum meio prompto de desvial-as , ou mesmo de completamente corrigil-as , no apoio da razão , que independente e sobranceira á todas estas modificações , se oppoe muitas vezes victoriosamente ás exageradas pretenções de nosso organismo. Para não buscarmos exemplo nos orgãos transmissores das impressões , servir-nos-hemos da força muscular. Esta , com quanto dependa da estructura original dos musculos , comtudo sendo submettida á hum exercicio conveniente , tornar-se-ha mais apta á grandes resultados , e com maior desenvolvimento , do que aquelle á que primi-

tivamente fôra destinado. Não quero com isso dizer que se póde fazer hum Hercules de hum menino visivelmente destituido de forças: quero sim dizer que toda a influencia do cerebro sobre os nossos actos racionaes he simplesmente, como à que exercem os musculos sobre o desenvolvimento de nossas forças phisicas, sem que haja de sua parte hum só principio de propria actividade. Da mesma sorte não poderemos asseverar que as diversas partes do cerebro sugeitão-se sempre à qualquer qualidade de correção: pelo contrario obrigado pela experiencia à admittir com Syunnering a diversidade de conformações de cabeça dos meninos em os primeiros annos de seo nascimento, confessarei que os tenho visto com bem oppostas inclinações, e estas tão fortes, que resistem a todo o cuidado de seos educadores, si bem que póde-se conseguir alguma modificação, quando ha verdadeira vontade de neutrarizal-as. Da mesma sorte que hum habil mestre de dança póde torcer a indisposição de seos discipulos para esta arte, e tornal-os, sinão bons, ao menos soffriveis dançarinos; ou como diariamente observamos, póde hum joven educado com a moleza das côrtes corrompidas, por consequencia fraco, debil, pusilanime e cobarde, adquirir, sinão herculeas forças, ao menos alguma robustez, coragem e mesmo verdadeiros sentimentos varonis, quando a necessidade os obriga a continuados exercicios phizicos de qualquer natureza; e si assim não fôra, como explicariamos a justa approvação que merece de todos os povos civilisados, o gymnazio por elles elevado a hum dos primeiros ramos da educação collegial? Estas mudanças, como he de esperar, são mais notaveis na tenra idade, quando a organisação he ainda flexivel; posto que factos demonstrem que ellas podem ter lugar nos adultos. Quando professor do collegio Emulação, tive ahi occasião de observar que *moços* outr'ora debeis e de huma organisação pouco favoravel á vida tornárão-se pelos exercicios gymnasticos dirigidos por Mr. Armand, robustos, fortes e até isentos de continuas molestias, que anteriormente os vexavão; vi mesmo hum delles, cujo talento era duvidoso, ou que antes passava por mão estudante, confessar que depois de se ter dado a esta especie de exercicios corporeos, adquirira melhor comprehenção e memoria: na realidade suas lições o demonstravão. Ora si isto encontra-se no exercicio dos orgãos em geral, por que não terá lugar a mesma couza, e ainda mais especialmente com os trabalhos do cerebro? Spurzhein diz que a observou da maneira a mais positiva, pois que hum homem de idade de trinta e dous annos começando a exercer com esforço e capricho suas faculdades intellectuaes adquirira hum desenvolvimento muito sensivel na parte anterior do cerebro; de modo que no espaço de seis annos o seo frontal offerecia em volta huma pollegada de mais. De certo si a nossa vontade he, ás vezes, bastante para modificar os mesmos orgãos, por que motivo o nosso arbitrio não regerá os actos racionaes de que somos capazes?

Eu creio sinceramente na exposição que nos dá Spurzhein, embora possa alguem dizer, que para isso muito contribue a confiança que me inspira a

phrenologia, sempre que penso no modo de conhecer e melhor explicar as nossas faculdades, abstrahindo-se além disto do conceito bem merecido que fórmo do companheiro e digno imitador de Gall. Este facto confirma ainda mais huma das proposições que hei acima estabellecido, isto he, que não devemos nas investigações phrenologicas guiarmo-nos por *cada orgão* de per si desenvolvido externamente: taes saliencias não podem com effeito ter lugar, logo que os orgãos visinhos forem igualmente desenvolvidos; he-nos necessario por consequencia primeiro que tudo estudar o volume e fórmas da região inteira.

Nada mais direi ácerca da phrenologia em si mesma, não só por que os limites de huma these que só apparece para com ella cumprir hum dever escolastico, o não permittem; como porque verdadeiramente amigo desta sciencia pertendo ainda por mim mesmo investigar os seos alicerces, notar os factos que lhe apoião, para então constituir-me em melhor circumstancia de, com o que houver collegido, escrever sobre ella. Sem mestres neste objecto, sem os instrumentos necessarios, e sobre tudo tendo de luctar com todos os obstaculos, que hum povo infelizmente pôuco devoto destas sciencias, me oppõe com mais ou menos condescendencia dos nossos sabios e philosofos, não fiz mais do que pensar no que outros pensárão, e escrever o que outros escreverão: e poderia eu ter ido mais longe?

Direi agora alguma cousa sobre as accusações de mais importancia que se ha feito á phrenologia. Ouço a cada instante dizer que a phrenologia conduz ao materialismo; e entretanto eu penso que com ella melhor se explica a espiritualidade do ente pensante. "Certamente, diz Mr. Ferreol Perrard, a julgar-se, por isso que habitualmente se passa no mundo, em o qual de ordinario tudo se observa superficialmente, e ninguem se dá ao trabalho de estudar as cousas e suas relações para ter idéas exactas antes de *affirmar*, não admira muito que se tenha dicto que o systema de Gall augmenta o numero dos materialistas, porém não ha maior sem razão do que culpal-o por esse lado. Em vão dirão elles — si o desenvolvimento ou a inercia de tal ou tal *faculdade*, de tal ou tal dispozição etc., depende desta ou d'aquella protuberancia, infallivelmente são as moleculas da materia cerebral que pensão. — Esta objecção não tem a menor força; por quanto, que a alma applicando-se sobre algum objecto, produsindo hum ou outro acto, ponha em acção o cerebro *todo* ou parte delle, he cousa completamente alhêa á questão de espiritualidade. O essencial pois, para evitar-se o materialismo, não he negar a *divizibilidade* das funcções do cerebro, mas sim demonstrar que não he elle o ente pensante."

Tanto os psycologistas, como os phrenologistas, asseverão ser o cerebro o orgão do pensamento: eu não sei que a simples differença de huns consideral-o trabalhando, como si fôra huma só peça, e outros *divididamente* possa isso mudar a natureza da alma: assim sou forçado a julgar que si não he o despeito, he pelo menos o erro de supporem que os phrenologistas admittem

as diversas porções da propria massa cerebral pensando, que lhes grangêa essa mal sustentada accusação. Dividir as funcções, multiplicar os orgãos, sem comtudo multiplicar o — eu — ó ser pensante, he claramente confessar que não são os orgãos que pensão; e neste caso anode está o materialismo dos phrenologistas?

Bem pelo contrario estou convencido, de que são elles os que mais respeitão a espiritualidade; e que todo o seo crime talvez consista em não reverenciarem submissamente meras hypotheses, nunca apoiadas nos factos da organisação. Hum momento, pois, de condescendencia, huma resignação assás forte e robusta para acceitar tudo quanto quizerem os psycologistas, quem sabe si seria bastante para unir huma á outra sciencia? Creio mesmo que para fazermos vingar nossa doutrina, ser-nos-ha mister primeiro transigir: tal he a força do prejuizo!

Si aquelles porêm, cuja reputação já se acha bem merecidamente fortificada, si aquelles, digo, que por seos talentos e dedicação ás sciencias, merecem com a maior justiça nossos respeitos, quizessem combater o prejuizo popular á favor desta sciencia, podião entre nós conseguir muito. Não se crêa de leve nessa indispozição, a meo ver passageira, que ultimamente se ha pronunciado contra a phrenologia. Si tudo quanto dizem em seo abono, os admiradores de Gall, não he verdade, muita cousa tem de bom e de satisfatorio para explicarmos os actos da intelligencia. Não se condemne entre nós, sem que os motivos da analize e do estudo o aconselhem, huma sciencia tão cheia de resultados proveitosos á humanidade. Não nos faltão talentos para bem a cultivarmos, e só sim hum pouco de *boa vontade*. Felizmente o nosso sólo nada tem á invejar da culta Europa no que diz respeito ás *predispozições* da intelligencia; embora o orgulho e amor proprio os obrigue a formar de nós hum juizo insultador.

PROPOSIÇÕES DE PHRENOLOGIA.

1.ª

A Phrenologia he a phiziologia do cerebro.

2.ª

As faculdades são multiplas: o cerebro he seo instrumento.

3.ª

Segundo as experiencias de Gall e Spurzhein, em harmonia com as idéas de muitos philosofos, he a substancia branca do cerebro, que forma os orgãos que presidem a estas faculdades. Broussais adopta esta propozição, e eu a creio.

4.ª

Despresando as muitas divisões genericas, que tantos psycologistas apotheozárão, a phrenologia as classifica em tres ordens: instinctos, sentimentos, e faculdades intellectuaes propriamente dictas. Esta doutrina me lisongêa e convence.

5.ª

As tres ordens de faculdades tem por instrumento massas distinctas.

6.ª

Conforme as experiencias já mencionadas, o cerebello e seos lobolos, bem como os posteriores e lateraes do cerebro, são os que servem á manifestação dos instinctos: a parte superior dos hemispherios, a dos sentimentos, e a porção anterior, a das faculdades intellectuaes propriamente dictas.

7.ª

Os orgãos para cada huma das faculdades nascem, neste caso, da subdivizão das massas.

8.ª

Estes orgãos, guardadas as proporções de vitalidade, apenas impressionados, entrão em acção.

9.ª

As impressões dispertão e exaltão a funcção cerebral: logo compete-lhes o nome de estimulo.

10.ª

He bem reconhecido que estes estimulos nascem humas vezes do interior e outras do exterior.

11.ª

Delles resultão, como já está sub-entendido, os instinctos, sentimentos e faculdades intellectuaes; ao que se deve reunir os movimentos.

12.ª

Os instinctos, que nascem por occasião do *estimulo* na massa posterior e lateral do cerebro, provocão os movimentos necessarios á conservação da vida. Elles dividem-se em instinctos propriamente dictos e inclinações; e são communs aos homens e aos animaes.

13.ª

Os instinctos, que resultão do estimulo sobre a massa superior do cerebro, segundo as idéas de Gall, não são outra cousa mais do que instinctos de huma ordem mais elevada. Por elles busca o homem a vida em sociedade.

14.ª

Destes sentimentos huns partilha o homem com o resto dos animaes, outros são o apanagio excluzivo delle. Broussais porêm pensa que os animaes das classes mais elevadas parecem possuir tambem os ultimos.

15.ª

As faculdades intellectuaes dividem-se em perceptivas e reflectivas.

16.ª

As faculdades perceptivas nos fazem conhecer as sensações internas e o mundo externo.

17.ª

As reflectivas, dom exclusivo do homem, elabórão as impressões e os sentimentos para a formação dos actos, que nos elevão á cathegoria de racionalidade, em que nos achamos.

18.ª

Os *movimentos* partem do cerebro depois de estimulado.

19.ª

He por meio dos nervos, que lhes são proprios, que o cerebro transmitte sua vitalidade: destes huns fazem-se sentir nos orgãos interiores, outros externamente. Aqui he bem apreciado o valor dos musculos.

20.ª

Os orgãos de cada faculdade são pares e symetricos.

21.ª

Na maioria dos casos diviza-se mais ou menos na superficie externa do craneo o signal das elevações da massa encephalica.

22.ª

O exercicio provóca o desenvolvimento material dos orgãos, e subministra-lhes facilidade de acção.

23.ª

O poder de manifestação de hum orgão está na razão directa de seo desenvolvimento; e tambem do grão de excitabilidade; por que póde acontecer que em volume igual as fibras nervozas movão-se com mais facilidade em huns individuos que em outros sob a influencia do mesmo poder estimulante.

24.ª

Como explicar esta excitabilidade nervosa particular a certos individuos não só de differente, mas ainda da mesma especie? No estado actual da sciencia só poderemos responder com hypotheses.

25.ª

A natureza dando-nos algum regozijo nos trabalhos de nossas faculdades, quiz desta sorte, como que obrigar-nos a exercel-as, afim de as termos sempre em grão conveniente de excitabilidade.

26.ª

Nenhuma faculdade he má em si mesma: ao contrario são todas origem de prazer legitimo, quando devidamente exercitadas.

27.ª

Huma faculdade obrando com energia, póde servir para excitar outra ou muitas outras.

28.ª

A alteração de hum orgão perverte a funcção, mas não aniquila a faculdade.

29.ª

Póde hum orgão ser mais desenvolvido em hum individuo que em outro, sem comtudo dominar no primeiro.

30.ª

Hum orgão póde ser mais desenvolvido que outros, sem comtudo dominar.

31.ª

Gall admitte vinte e sete orgãos; Spurzheim trinta e cinco, e depois d'eltes alguns tem admittido trinta e sete.

32.ª

Não penso que se tenha chegado a huma divizão exacta; mas julgo que he forçozo admittil-a por momento, afim de melhor se averiguarem os factos sobre que ella se apoia, e então conhecermos a verdade.

33.ª

Ha circumvolações no cerebro, cujo volume durante a vida não se póde apreciar; mas que por analogia suppõe-se corresponder á algumas faculdades affectivas.

34.ª

As faculdades que primeiro se manifestão no homem, são os instinctos; depois os sentimentos; e muito mais tarde a intelligencia.

PROPOSIÇÕES DE PHRENOLOGIA APPLICADA.

35.ª.

A phrenologia dirige o homem no cumprimento de seos deveres: revéla seos direitos; e lhe mostra quanto elle, superior as vicissitudes de sua organisação, póde conseguir da subida intelligencia, que lhe deo a natureza.

36.ª

Estudando as nossas faculdades e as relações entre ellas reconhecidas, a phrenologia demonstra a influencia secundaria, que tem a organisação cerebral sobre os actos da intelligencia.

37.ª

A phrenologia póde mesmo determinar a organisação phizica mais favoravel á boa moral do homem.

38.ª

Exercitar e manter todas as nossas faculdades com harmonia he o grande *desideratum* da educação; e quem melhor o consegue do que a sciencia phrenologica?

39.ª

Na applicação desta sciencia aos principios de educação, deve-se ter bastante cuidado em conservar o predominio da intelligencia e dos sentimentos moraes.

40.ª

Não convêm de modo algum desenvolver disproporcionalmente hum só orgão: da falta de equilibrio das faculdades póde resultar a mania ou a loucura.

41.ª

A proposição precedente he tanto mais verdadeira, quanto as faculdades affectivas forem menos desenvolvidas em qualquer sugeito.

42.ª

Na educação póde-se combater o predominio excluzivo e vicioso de hum orgão com o exercicio e desenvolvimento do que lhe he opposto.

43.ª

A falta total de actividade de um orgão póde dar nascimento á molestias, e mesmo á morte.

44.ª

O homem nascido e educado em sociedade, e tendo seos orgãos cerebraes bem desenvolvidos, póde perecer, sendo condemnado ao retiro e á solidão.

45.ª

O bem estar do individuo está ligado ao exercicio de todos os seos orgãos.

46.ª

Quando a razão se perde, cada orgão toma a sua acção predominante.

47.ª

Na monomania e na loucura a lezão póde estar em orgão diverso d'aquelle que predomina.

48.ª

Em algumas alienações mentaes podem não soffrer os orgãos intellectuaes; e assim o alienado tem consciencia de sua loucura.

49.ª

Hum systema de correcção fundado sobre bases phrenologicas, não deixará de ser eminentemente util.

50.ª

A phrenologia póde prestar valiosos soccorros no tratamento da monomania, e algumas vezes no da loucura.

NOMENCLATURA DAS FACULDADES.

1.ª ORDEM.

FACULDADES EFFECTIVAS.

1.° GENERO.

INCLINAÇÕES.

1.° ALIMENTIVIDADE.

Fim. Nutrição do individuo.
Desordem. A gloteneria.

2.° AMATIVIDADE.

Fim. A propagação da especie.

Desordem. A libertinagem, o adulterio, o incesto, a pederastia etc.

3.° PHILOGENITURA.

Fim. A conservação dos filhos.
Desordem. Os excessos de amor filial.

4.° A ABITATIVIDADE.

Fim. A natureza parece ter querido, que todos os lugares fossem de persi e convenientemente habitados.
Desordem. O *ciganismo.*

5.° AFFECCIONIVIDADE.

Fim. O apêgo para tudo, quanto nos cérca.

Desordem. Nota-se este desvio da natureza primitiva pelo estado inconsolavel da alma, depois de huma perda, que lhe he sensivel.

A inactividade predispõe-nos a insociabilidade.

6.° A COMBATIVIDADE.

Fim. A coragem e intrepidez.

Desordem. O amor dos combates, as disputas, as richas, a colera, a raiva etc.

7.° A DESTRUCTIVIDADE.

Fim. A destruição.

Desordem. O assassinato, o incendio, e a crueldade.

8.° A SECRETIVIDADE.

Fim. Guardar segredo.

Desordem. As astucias, duplicidade, hypocrizia, intriga etc.

A incectividade dispõe-nos a estolidez.

9.° ACQUIZIVIDADE.

Fim. Acquizição dos objectos necessarios à nossa subsistencia.

Desordem. O roubo, a fraude, a uzura, a venalidade.

Inactividade. Ella nos dispõe ao esquecimento dos nossos proprios interesses.

10.° A CONSTRUCTIVIDADE.

Fim. O desejo de tudo construir em geral. Esta faculdade he determinada por combinação de outras.

2.° GENERO.

SENTIMENTO.

SENTIMENTOS COMMUNS AOS HOMENS E AOS ANIMAES.

1.° ESTIMA DE SI.

Fim. O amor de si mesmo bem regulado.
Desordem. O orgulho, o egoismo, e a insolencia.
Inactividade. Ella predispõe-nos á humiliação e á baixeza.

2.° A APPROBATIVIDADE.

Fim. O amor dos elogios e louvores.
Desordem. A vaidade e ambição.
Inactividade. Por ella somos levados ao indifferentismo total ácerca dos juizos, que possão os outros formar de nós.

3.° A CIRCUMSPECTIVIDADE.

Fim. A prudencia e a reserva.
Desordem. A incerteza e a irresolução, temor, melancolia, inquietação etc.
Inactividade. Por ella somos predispostos á inconsequencia, á inconsideração, á imprudencia, e ao estouvamento etc.

4.° A BENEFICENCIA.

Fim. A bondade, a complacencia, a benignidade, a clemencia, mizericordia, e a compaixão.
Desordem. A prodigalidade e a bonomia excessiva e criminoza.
Inactividade. Favorece o egoismo.

SENTIMENTOS SÓ PROPRIOS DO HOMEM.

1.° VENERATIVIDADE.

Fim. O respeito e humildade legitima; e a admiração para tudo quanto nos merece respeito.
Desordem. O fanatismo, a idolatria etc.
A inactividade. Favorece a impiedade.

2.° A FIRMEZA.

Fim. A constancia e a preseverança.
Desordem. A obstinação, o espirito sediciozo, desobediencia e altivez.
Da inactividade nasce o genio voluvel.

3.° CONSCIENCIOSIVIDADE.

Fim. A rectidão e justiça.
Desordem. Escrupulos demasiados, e remorsos infundados etc.
A inactividade faz apparecer o desleixo no cumprimento de nossos deveres.

4.° A ESPERANÇA.

Fim. A confiança e a esperança.
Desordem. A mania de projectos.
A inactividade produz a desesperação.

5.° A MARAVILHOZIDADE.

Fim. Sentimento e apreciação do maravilhozo
Desordem. Credulidade excessiva, confiança em visões, espectros, *bruxarias* emfim
A inactividade dispõe-nos ao scepticismo, e á incredulidade completa.

6.° A IDÉALIDADE.

Fim. O desejo de aperfeiçoar tudo, que conhecêmos.
Desordem. A exaltação.
A incatividade predispõe á indifferença.

7.° CAUSTICIDADE.

Fim. Disposição ao riso, e a critica bem entendida.
Desordem. O genio ironico, epigrammatico e ridicularisador.

8.° IMITATIVIDADE.

Fim. A expressão e imitação.
Desordem. A bufonaria, e a bobice.
A inactividade produz a inhabilidade para as artes de imitação.

2.ª ORDEM.

FACULDADES INTELLECTUAES.

1.° GENERO.

FACULDADE SENSITIVA

Estas faculdades se manifestão pela olphação, audição, gustação, visão e tacto.

2.° GENERO.

FACULDADES PERCEPTIVAS.

1.° INDIVIDUALIDADE.

Faz conhecer a *realidade* dos objectos. Muito activa personifica mesmo os simplices phenomenos, como o movimento, a vida etc.

2.° CONFIGURATIVIDADE.

Limita-se á apreciação das formas: he a qualidade que eleva os pintores, escultores etc. etc.

3.° EXTENÇÃO.

Consagra-se ao amor das dimensões: he o attributo caracteristico dos geometras, architectos etc.

4.° TACTIVIDADE.

Esta faculdade assim denominada por Fossati, e conhecida por outros phrenologistas sob o nome de — peso e resistencia —, dá a particular habilidade de apreciar o pezo e a densidade dos corpos. He claro que este attributo não póde competir aos sentidos externos.

5.° COLORIDADE.

Desta faculdade nasce a perspicacia no discernimento das sombras e côres, tão notavel nos pintores mais celebres.

6.° LOCALIDADE.

Dispõe-nos ao amor das viagens.

7.° NUMERATIVIDADE.

A força primitiva deste orgão se refere a tudo quanto he objecto de calculo propriamente dicto.

8.° ORDENATIVIDADE.

A força deste orgão nos conduz ao que he —ordem e coordenação —.

9.° EVENTUALIDADE.

Esta faculdade dá-nos o conhecimento dos movimentos dos objectos e de todas as circumstancias que os podem modificar: he a qualidade que abrilhanta os *homens dos salões.*

10.° TEMPO.

Nos induz á investigar a successão e duração dos objectos.

11.° MELODIA.

He o orgão que preside ao juizo àcêrca dos sons.

12.° LINGUAGEM.

He o orgão que torna certos individuos notaveis pela fertidade na invenção dos signaes para exprimir ideias.

3.° GENERO.

FACULDADES REFLECTIVAS.

1.° COMPARATIVIDADE.

Compara as funcções; conhece sua differença e similhança etc.

2.° CAUSALIDADE.

A força primitiva desta faculdade he a de fazer conhecer os phenomenos que se observão na natureza.

FIM.

HYPPOCRATIS APHORISMI.

1.°

Vita brevis, ars longa, occasio præceps, experimentum periculosum, judicium difficile. Oportet autem non modo se ipsum exhibere quæ oportet facientem, sed etiam ægrum, et præsentes, et externa. (Secc. 1.ª Aph. 1.°)

2.°

Mutationes anni temporum maxime pariunt morbos: et in ipsis temporibus mutationes magnæ, túm frigoris, túm caloris, et cætera pro ratione et eodem modo. (Secc. 3.ª Aph. 1.°).

3.°

Acutorum morborum non omninó tutæ sunt prædictiones, neque mortis, neque sanitatis (Secc 3.ª Aph. 19).

4.°

Lassitudines sponte obortæ, morbos denuntiant. (Secc. 2 Aph. 5).

5.°

In omni morbo mente valere, et bene se habere ad ea, quæ offeruntur, bonum est; contrarium vero, malum. (Secc. 2.ª Aph. 33).

6.°

Ad extremos morbos, extrema remedia exquisite optima (Secc 1.ª Aph. 3)

Homo constat mente et corpore unitis (Hermanus Boerhaave, institutiones medicæ § 26.)

Esta These está conforme com os Estatutos.

Rio de Janeiro 23 de Novembro de 1841.

Dr. *Manoel de Valladão Pimentel.*